

## VIGOTSKI: NOTAS PARA UMA PSICOLOGIA GERAL E CONCRETA DAS EMOÇÕES/AFETOS

Gisele Toassa\*

**Resumo:** Este artigo sustenta que o projeto de psicologia de L.S. Vigotski organiza-se segundo uma estrutura triádica, dividindo-se em psicologia geral, particular e concreta – expressão de seu compromisso com a edificação de uma psicologia científica fundada no materialismo dialético. Descreve, brevemente, os percalços que têm afetado estudos mais detalhados da obra vigotskiana e problematiza presença de Espinosa na obra do autor. A partir disso, trata do compromisso de Vigotski em compor, em quadro único, uma psicologia das emoções/afetos em que coubessem as *múltiplas manifestações da vida emocional humana*, vivenciais e comportamentais. Expõe a extrema importância da filosofia de Espinosa nas ideias vigotskianas sobre a regulação dos afetos. Também, indica algumas ideias inspiradas em Espinosa para abordagem dos afetos no campo da “psicologia concreta da personalidade/pessoa”.

**Palavras-chave:** Vigotski, Espinosa, psicologia geral, psicologia concreta, emoções.

Com o objetivo de realizar uma leitura marxista de Vigotski, apta a aproximá-lo da ontologia marxiana e da crítica da economia política, percebemos, no Brasil, a persistência de uma leitura superficial e insatisfatória do que há de marxista no autor. No “leito de Procusto” de nossa época, ora Vigotski é ingrediente para as misturas do construtivismo (que minimiza ou ignora sua psicologia como projeto de ciência marxista), ora para a ortodoxia do marxismo-leninismo. Vigotski “ao tempero marxista” frequentemente posa como ventríloquo de Lênin, Marx ou Engels, em prejuízo das relações com outras bases na filosofia (como Espinosa) e as ciências sociais.

São raras as tentativas de análise das especificidades do marxismo de Vigotski ou do modo pelo qual pode contribuir com uma psicologia crítica, em suas conexões interdisciplinares. Por isso, aperfeiçoando minha comunicação na Jornada “Marxistas Leitores de Espinosa”, este artigo expõe aspectos da organização interna do projeto de psicologia de Vigotski como *psicologia geral, particular e concreta*. Para contemplar o desejo de meus interlocutores, tratarei da forma pela qual elas se relacionam à obra de Espinosa, lembrando: não foram muitos os projetos que buscaram uma psicologia marxista *stricto sensu*, poucos os que resistem à corrosão do tempo<sup>1</sup>, e o de Vigotski, o

---

\* Professora da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Membro do Núcleo CRISE (Crítica, Insurgência, Subjetividade e Emancipação) na mesma instituição. Realiza estágio pós-doutoral no Graduate Program of History and Theory of Psychology, York University, Toronto, Canadá. Apoio Financeiro: CAPES. Contato: gtoassa@gmail.com

único a buscar apoio em Espinosa no próprio cerne da constituição de um “materialismo psicológico”. Vamos a ela.

\*\*\*

Conhecido no Ocidente desde os anos 1960, a obra do bielorrusso Lev Semionovich Vigotski (1896-1934) passou por restrições na União Soviética após a sua morte. O único estudo sistemático sobre a abrangência delas ainda está no prelo (Fraser & Yasnitsky 5), sendo consenso entre os comentadores que a promulgação do decreto “Sobre as perversões pedológicas no Comissariado de Educação [NARKOMPROS]” (1936)<sup>2</sup> abalou seriamente a discussão da obra do autor. Mas quanto, no quê, por quanto tempo, para quem? Vygodskaya & Lifanova (25) defenderam que essa censura foi feroz. Alguns textos pedológicos de Vigotski a custo teriam sido salvos por seus estudantes – citando-se que burocratas da máquina stalinista chegaram a rasgar prefácios do autor a obras de terceiros, nas bibliotecas soviéticas. Ex-colaboradores do autor queixaram-se reiteradamente de perseguição devido ao seu vínculo com Vigotski, embora sem esclarecer até que ponto – ou quais ideias – tornaram-se abomináveis, e em qual época. Foram poucas, mas significativas, as críticas que sua obra sofreu, com destaque para o infame panfleto de Rudneva (13), que recebeu milhares de cópias. Menos uma película em “branco-e-preto” do que uma gravura em tons de cinza, para Fraser & Yasnitsky (5), a censura soviética atuou de forma descontínua, tratando com dureza especialmente a obra pedológica de Vigotski e as suas citações a Trotski. Também, tornou-se impopular mencionar a “psicologia histórico-cultural” de Vigotski. Ou seja: a censura pode não ter sido completa, mas se aproximou disso.

Embora autorizada desde 1966, a publicação de suas *Sobranie Sotchinenii* (Obras Escolhidas) ocorreu apenas entre 1982-1984. Isso inclui “O significado histórico da crise na psicologia” (1927)<sup>3</sup>, obra que melhor expõe a fundamentação filosófica de seu pensamento, compreendendo, de forma um pouco mais ampla, suas ideias sobre o marxismo de modo geral. A “Psicologia da Arte” e “A Tragédia de Hamlet” vieram à luz apenas em 1965 (Fraser & Yasnitsky 5), e o “Teaching about Emotions”, em 1984. Um universo de Vigotskis permanece desconhecido: a lista compreensiva de Lifanova (1996) arrola 275 textos e 13 cartas<sup>4</sup>. “Izzapisok L. S. Vigotskogo” (“Das notas de L.S. Vigotski”) é um breve rascunho do autor sob influência espinosana – infelizmente, ainda confinado ao russo (Vigotski 22).

Os dramas se repetem no Brasil, onde é ruim a qualidade das edições de Vigotski, a maioria das quais carrega os problemas de outras edições (seja dos adulterados originais russos, seja de traduções primárias). “Pensamento e linguagem” sofreu diversos cortes que afetaram o estudo das fontes que o compuseram – sendo o texto completo lançado apenas em 2001 (Vigotski 20). A edição das “Obras Escolhidas” em inglês (completas, em seis tomos) e espanhol (cinco tomos) data dos anos 1990, correspondida por uma onda de edições novas no Brasil dos anos 1990 até 2001. O interesse de Vigotski por Espinosa não chegou a deixar herdeiros entre os ex-colaboradores, que, assumindo seus papéis em um sistema de produção científica fortemente hierarquizado e bastante inseguro, adaptaram-se à reprodução das fórmulas do marxismo-leninismo, nas quais Marx, Engels, Lênin e Stálin dividiam espaço com os “pais-fundadores” russos (Krementsov 10), nos mais diversos campos (Michurin na biologia, Sechenov e Pavlov nas ciências da atividade nervosa superior, Lomonosov nas ciências duras etc.). Apesar de ter sido estudado em ritmo crescente no período compreendido entre 1917 e 1933 (ver Kline 9), Espinosa foi sendo esquecido na mesma época que também lançou uma parte inteira da obra de Vigotski aos porões da ilegalidade, assim como o termo “psicologia histórico-cultural”, que passou a defini-la. Assim, compreendemos o pano-de-fundo no qual ainda é pequeno o número de textos que tratam da relação entre os autores (com destaque para Jantzen 7).

No popular *Vygotsky: uma síntese* (van der Veer & Valsiner 18), minimiza-se a influência de Espinosa. E, de modo geral, reconheço que os glutões afeitos a mensurar o peso de um interlocutor a partir do número de citações que ele receba ficarão insatisfeitos com as referências de Vigotski a Espinosa. Por outro lado, leitores focados na compreensão do projeto de psicologia marxista do autor<sup>5</sup>, articulado a partir de 1927, podem se surpreender com um aspecto menos evidente: Vigotski não recorreu a Espinosa com frequência, mas o fez quando se orientava em relação a alguns aspectos críticos do futuro de sua teoria psicológica, dos quais destaco a constituição de uma teoria das emoções/afetos, remetendo o leitor interessado em compreender essa relação de forma mais ampla ao sexto capítulo de Toassa (16). Na última parte deste trabalho, serão também apresentadas algumas ideias próprias sobre a inserção de Espinosa em uma psicologia concreta da personalidade/pessoa.

Isto posto, articulo o texto em dois momentos:

1. Psicologia geral, particular e concreta: Vigotski e o materialismo dialético;

## 2. Espinosa e uma psicologia concreta das emoções/afetos.

\*\*\*

Marta Shuare (14) sustenta que Vigotski constituiu um materialismo próprio, defendendo o método materialista dialético contra a vaga de importações de citações de Marx, Engels, Lênine e Plekhanov na psicologia soviética, em um momento no qual era aceitável a diversidade interna do marxismo, dentro e fora da psicologia. Citem-se Luria e suas primeiras tentativas de unificar a psicanálise e o marxismo, a reatologia de Kornílov, ou Zalkind e a suas aproximações entre psicanálise e pavlovismo, em um enfoque marxista dos instintos. As diversas iniciativas “decapitavam” sistematicamente os grandes teóricos marxistas de seu corpo-contexto. Contrário ao mero empréstimo de categorias da filosofia ou do materialismo histórico – como consciência ou luta de classes – Vigotski descreveu como, no “Significado histórico da crise na psicologia” (1927), a mera transposição de ideias concebidas para a crítica da economia política não chegava a enfrentar as dificuldades para construção de um materialismo psicológico, ou seja, um materialismo apropriado à análise das funções psíquicas superiores e da sua síntese em sistemas psicológicos mais complexos (pondo de lado a tarefa de escrutinar diferenças entre esses termos): *consciência, personalidade ou pessoa*.

Para Veresov (19), o acúmulo de contradições existentes no retrato do marxismo de Vigotski indicaria deficiências no tratamento histórico legado à obra deste último, cuja abordagem e métodos mudaram de foco entre 1917 e 1934, período no qual, como tantos outros intelectuais judeus (Toassa 16), ele entusiasticamente aderiu à Revolução – tanto no campo político (chegou a ser deputado no soviete de Gomel, a cidade na qual cresceu e viveu após graduar-se entre 1916 e 1924) – quanto na estruturação da psicologia como “ciência entre ciências”.

Segundo Veresov (19), duas ideias na teoria de Vygotsky usualmente tidas por marxistas – como as origens sociais da mente ou o sinal como ferramenta psicológica – não o são. As raízes delas estão nas obras de Shpet, Blonsky, Sorokin e Meierhold. Durante os diferentes períodos de sua evolução criativa, Vygotsky teve abordagens diferentes ao que considerava como verdadeira psicologia marxista e como ela deveria ser construída. Inicialmente pautado na ciência dos reflexos de Pavlov e na reatologia de Kornílov, passa, a partir de 1927, a tocar adiante um projeto de materialismo psicológico relativamente independente das injunções do Partido (ver Jantzen 7), até sua morte, em 1934 – um projeto extremamente ambicioso de nova psicologia para

formação de um novo homem, e no qual podemos enxergar dois textos fundamentais: “O significado histórico da crise na psicologia” e o “Teaching about Emotions” – dentre os traduzidos, os principais nos quais relaciona seu projeto de psicologia a ideias espinosanas.

Dois momentos são claramente reconhecíveis em sua obra: de 1917 a 1927 (período de amplas leituras em psicologia, ainda inexistente como área de formação disciplinar na Rússia tsarista, conforme Beatón 1); de 1927 a 1934. Essa segunda fase tem sido denominada de “psicologia histórico-cultural” (título que, curiosamente, não foi atribuído por Vigotski, mas sim pelos seus críticos, conforme sustenta Keiler 8). Nesse projeto, as antigas *reações* inspiradas na reatologia de Kornílov passam a ser reconhecidas como *funções psíquicas superiores*. Suas fontes epistemológicas diversificam-se, e ele esboça uma estrutura para a relação interna entre ramos diversos da psicologia, ou “psicologias particulares”, que atravessavam o caos de seu caldo primordial empirista. Havia um extensivo e desordenado acúmulo de dados desde o nascimento institucional da psicologia como ciência, em 1879. De fato, embora o texto de Vigotski trate da crise na *psicologia*, suas reflexões em 1927 abordaram também a psicanálise como um dos projetos concorrentes à interpretação da individualidade, foco central da delimitação da psicologia como ciência.

O singular marxismo científico projetado por Vigotski afirma-se como pensamento cujo destaque se atribui à relação, ao conflito, ao paradoxo, à contradição (ao “drama” do desenvolvimento humano) e não simplesmente a um evolucionismo triunfante, uma teleologia das formas superiores de comportamento, cujo conteúdo seja finalista e, nas suas implicações práticas, normatizador. Grosso modo, ao abordar o desenvolvimento psíquico, Vigotski é essencialmente um adversário do finalismo, um defensor do humano como diversidade preñe de particularidades e não de constructos fundados essencialmente na pesquisa clínica de sujeitos de um só momento histórico e classe social, como a psicanálise. Conforme explorado em Toassa (16), para Vigotski (24), à psicologia era necessário construir abstrações que, partindo das psicologias particulares (como a psicologia da criança ou a psicologia comparada) em algum nível se *elevassem* com relação ao seu material empírico concreto, gerando abstrações úteis à compreensão do humano “em geral”. No que toca às emoções/afetos, isso demandaria a análise da formação das conexões inter e intrapsíquicas<sup>6</sup> pelas quais vão ocupando diferentes lugares em diversos sistemas psicológicos – ou, para usar um termo do “Psicologia Concreta do Homem” (23), o *drama* de constituição de uma personalidade

singular. São revolucionárias as consequências dessa ideia para o campo *psi*. Por exemplo: relativizado como drama da família nuclear burguesa, o Complexo de Édipo pode ser considerado como “mais um” entre os incontáveis dramas possíveis ao processo de constituição de um ser humano singular.

Penso que os leitores já se apercebem da estrutura dialética do pensamento de Vigotski, afeito à análise lógica dos objetos do pensamento por meio da dinâmica entre geral-particular-singular. Em minha interpretação, o projeto para uma psicologia “três em uma” vacinaria esse campo científico, essa “ciência doente” (momento em que ele remete-se ao *Tratado da emenda do intelecto*, de Espinosa), do processo de perda do valor explicativo que acontecia com diversos conceitos da pesquisa dita psicológica – a exemplo de “reflexo condicional” e “inconsciente”, cujo conteúdo se evaporava conforme transcendiam suas origens; respectivamente, no experimento fisiológico e na clínica psicanalítica vienense. Era preciso extrair generalidades provisórias, dependentes das particularidades, pois a constituição do indivíduo em sociedade também permanece em movimento – estabelecendo um delicado equilíbrio entre os fundamentos filosóficos da psicologia e a pesquisa empírica, que, para ele, se desenvolvia quantitativamente, mas não qualitativamente. Isso se expressa de forma radical no conceito de *função psíquica superior* e da sua síntese na *personalidade* ou *pessoa*, essenciais em sua proposta de estudo das formas especificamente humanas de psiquismo. Nessas formas, “O desenvolvimento segue não para a socialização, mas para a individualização de funções sociais” (Vigotski 23, p.28-29). Em trecho quase ininteligível, mas precioso:

A toda ideologia (social) corresponde uma estrutura psicológica de tipo definido – mas no sentido da assimilação subjetiva e portadora da ideologia, mas no sentido da construção das camadas, de estratos e funções da personalidade. Compare Kaffir, católico, trabalhador, camponês. Compare minhas idéias – [relação] da estrutura dos interesses com a regulação social da conduta (p.33).

[...] A relação – sonho/conduta futura (função reguladora do sonho no Kaffiriano) é ligação mediatizada por toda a personalidade (isto é pelo conjunto das relações sociais transferidas para dentro), mas não imediata.

O estudo disso na criança.

Digressão! Compare Politzer: psicologia = drama. Coincidência: a psicologia concreta e Dilthey (sobre Shakespeare). Mas o drama realmente está repleto de ligações de tal tipo: o papel da paixão, da avareza, dos ciúmes, em uma dada estrutura da personalidade (Vigotski 23, p.34, grifo nosso).

A estrutura teórica de Vigotski funda-se na lógica dialética: cada problema, conceito e método relaciona-se a um diferente domínio de fenômenos psíquicos que o autor se propõe a estudar (Toassa 16, p.87). Nesse contexto, Vigotski (24) tece a crítica das psicologias que tomavam como referência o homem adulto normal. Antes de tudo, nega que qualquer teoria possa ter uma única fonte epistemológica: a psicopatologia e a psicologia animal, por exemplo, deveriam ser apenas ciências particulares, e não modelos para ciência geral. Nos “Estudos sobre a história do comportamento” (Vygotsky & Luria 29), a reflexão sobre as diferenças e as similaridades entre a conduta dos animais, das crianças pequenas e de adultos acompanhava-se de: 1) estudos antropológicos e em psicologia comparada (espécie humana vs. outras espécies); 2) experimentos sobre o desenvolvimento genético das funções psíquicas superiores especiais, em conexão com o uso de signos e ferramentas mediadoras: percepção, atenção, memória etc.; 3) expedições ao Uzbequistão entre 1931-1932, por meio das quais A. R. Luria e equipe, executando um projeto coelaborado com Vigotski, analisou diferenças culturais de pensamento. Eis o *enfoque genético*, a partir do qual os autores defendem que, das formas mais simples de comportamento baseado na estrutura percepção-reação, o comportamento vai se transformando e adquirindo novas configurações estruturais.

A tarefa era demonstrar a especificidade de cada fonte particular de sua psicologia, discriminando os traços dela específicos, constituintes de aspectos universais do desenvolvimento humano, que Vigotski (24) chamava de *psicologia geral – uma dialética da própria psicologia, em diálogo com o materialismo dialético* (de modo mais abrangente, com a filosofia, no interior da qual a psicologia elaborava-se há milênios), *as ciências naturais e o materialismo histórico*. A psicologia seria o nome de toda uma família de ciências, para as quais dever-se-ia desvelar as leis das variações dos grupos de fenômenos, suas características quantitativas e qualitativas, causalidade, produzindo categorias e conceitos; ou seja, criando seu “O capital”. Sustenta Vigotski (24):

Mas a aplicação *direta* da teoria do *materialismo dialético* às questões das ciências naturais, e em particular ao grupo das ciências biológicas ou à psicologia, é *impossível*, como o é aplicá-la *diretamente* à história ou à sociologia. [...] Da mesma maneira que a história, a sociologia necessária [*sic* – G.T.] de uma *teoria especial* intermediária, do materialismo histórico, que esclareça o valor *concreto* das leis *abstratas* do

materialismo dialético para o grupo de fenômenos de que se ocupa. E igualmente necessária é a ainda não criada, mas inevitável, teoria do marxismo biológico e do materialismo psicológico, como ciência intermediária, que explique a aplicação concreta dos princípios abstratos do materialismo dialético ao grupo de fenômenos que trabalha.

A dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência em geral, universal ao máximo. Essa teoria do marxismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral (p.392-393).

A psicologia geral seria, pois, teoria intermediária, metodologia ou ciência geral. A despeito da influência de Engels em diversas passagens do texto, Vigotski não lhe reproduz a tentativa de enxertar princípios da dialética à natureza. O bielorruso começará seu percurso com a explicação de outros domínios particulares ou escolas da psicologia para “separar delas o científico do não-científico, a psicologia do empirismo, da teologia, do idealismo e de tudo o mais que aderiu à nossa ciência ao longo dos séculos de sua existência, como ao casco de um transatlântico” (idem, p.393). Com esse tratamento, a psicologia deverá procurar a divisão sistemática das disciplinas em seu interior: psicologia geral e infantil, psicologia animal e psicopatologia, psicologia diferencial e comparada. A “psicologia será o nome comum de toda uma família de ciências” (ibidem, p.417), organizadas na lógica do materialismo dialético. Resposta unificadora para um campo científico em cuja acidentada história, marcada pela violência das paixões e divergências de projetos, como zomba Clegg (2), persiste a dúvida: temos criado conhecimentos, ou meramente construído departamentos?

As reflexões de Vigotski (24) sobre o tema da consciência exasperam-se da facilidade em ser materialista nas ciências da natureza, e da dificuldade em sê-lo em psicologia. Mas, ao invés de engessar, separar, cindir realidade e consciência, ele propunha-se a, seguindo Lênin, unificar a noção de *materialismo*, *realismo*, *naturalismo* – acreditava ser possível o *naturalismo* no estudo da cultura, sem que houvesse, com isso, uma redução da cultura às bases biológicas da conduta – mas sim, defendeu reiteradamente em sua “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores” (26), a compreensão da cultura como natureza transformada, natureza que subsiste – modificada – nas formas mais complexas de consciência e conduta. Sua proposta é de compreender o desenvolvimento humano a partir de duas linhas: a biológica (natural) e a cultural.



Na tentativa de aniquilar o estudo desses dois processos em separado, Vigotski buscou fazer uma psicologia das funções psíquicas superiores, por meio de unidades de análise interfuncionais, que representavam “campos psicológicos”, agregando pólos interno e externo; unidades como significado, tomada de consciência, vivência. A inspiração é da psicologia estrutural de Kurt Lewin (e da Gestalt), e sua organização visa à expressão da diversidade/dinâmica interna das próprias relações sociais intrínsecas aos conceitos.

\*\*\*

Determinar o lugar de Espinosa nessa estrutura teórico-metodológica própria é tarefa complexa. Apesar da escassez de referências a Espinosa, já comentada, muitas dessas referências se dispõem no interior do inacabamento da própria obra vigotskiana, cujas especificidades filosóficas há pouco começamos a compreender (novamente, com destaque para Jantzen 7). A tuberculose que o matou em 1934, aos 37 anos, deixou-o com muitos manuscritos inacabados, entre os quais o de seu “Teaching about emotions”<sup>7</sup>. Segundo van der Veer & Valsiner (18, p. 377), o “Teaching...” é um manuscrito inacabado, redigido aproximadamente entre 1931 e 1933, momento de autocrítica de Vigotski, na qual ele escreveu bastante e publicou muito pouco (ver Fraser & Yasnitsky 5). Recebeu vários títulos e teve excertos editados no *Voprosy Psikhologii* (1968) e *Voprosy Filosofii* (1970), sendo integralmente publicado apenas em 1984.

Van der Veer & Valsiner (18) especulam, sem se apoiarem em fatos, que Vigotski teria percebido que entrava num caminho errado e ingênuo ao buscar apoio na obra espinosana, abandonando o manuscrito antes de desenvolver plenamente esse debate. Não obstante, conforme escrevi em outro trabalho (Toassa 16), era grande seu interesse no assunto, pois o “*Utchenie ob Emotsiakh*” foi mexido e remexido, tendo várias versões intermediárias. Contém vestígios de um projeto ambicioso e singular no contexto geral da produção do bielorrusso, pois concentra leituras de Descartes, Espinosa e comentadores, em grande parte, inéditas noutras obras.

O objetivo principal de Vigotski (28 p.118) no “Teaching about emotions” era mostrar como a doutrina das paixões, de Espinosa, vinha sendo erroneamente vinculada à teoria periférica das emoções (elaborada paralelamente nos Estados Unidos por William James e na Dinamarca por Karl Lange) criticando-a como herdeira do dualismo de Descartes e Malebranche. Com essa relação, Vigotski pensava expulsar o dualismo

da psicologia, substituindo-o pelo monismo espinosano – substituição que ele pretendia executar na segunda parte do manuscrito, jamais escrita. Sem a mudança filosófica, não seria possível a mudança científica, fato já problematizado por Freitas (6). A psicologia das emoções encontrava-se ainda em estado de “caldo primordial”. Segundo Vigotski, existia uma grande confusão na psicologia das emoções no primeiro terço do século XX: todas as obras continham um capítulo denominado “As emoções”. Para o bielorrusso, esse era o domínio menos elaborado, mais difícil – e também o mais importante – para o futuro da ciência psicológica.

As contribuições de Espinosa na temática dos afetos e da liberdade humana eram de grande interesse para o bielorrusso (citem-se os experimentos sobre a livre-escolha, comentados em Toassa 15), embora fosse claro que ele planejava realizar uma crítica dialética da obra espinosana pela psicologia, constituindo uma ciência interdisciplinar das emoções, a se desenvolver ao longo de anos de pesquisa.

Para Vigotski, *o futuro da psicologia das emoções concentra-se na resposta ao problema da divisão entre psicologia explanatória e descritiva ou fenomenológica, dirigindo-se ao desenho de um quadro único das múltiplas manifestações da vida emocional humana*, vivenciais e comportamentais, e de seus processos de determinação (Toassa 16). Aí devemos compreender a interpretação de Vigotski, para quem a teoria James-Lange (tributária do cartesianismo) recaía numa visão mecanicista: a evolução das espécies, expressa na mecânica do corpo no mundo, procurava explicar o problema da causalidade das emoções descolando-as da personalidade e da história. Elas se reduziam a um mecanismo animal sem sentido próprio nem vida subjetiva: não há vivência das emoções, há só percepções de mudanças na periferia do corpo, significativa ou completamente independentes da interpretação humana e dos processos de pensamento. Em seu texto sobre a crise na psicologia, reconheceu a realidade das vivências e emoções e a necessidade de que tivessem um lugar na investigação psicológica – pois a psicologia não é ciência apenas do que se capta pelos sentidos, mas reconstituição de totalidades mais amplas e nem sempre escancaradas à consciência do observador.

Ao contrário dessa noção, para Vigotski, emoções tão diversas quanto o medo dos animais e o amor de Dante Alighieri por Beatrice Portinari precisavam ter sua gênese esclarecida pela mesma teoria (Toassa 16). O autor trata as emoções como processos histórica e culturalmente determinados do organismo humano, tornados funções da personalidade. Ideias teológicas, políticas, estéticas e científicas precisavam

ganhar um lugar na formação, na descrição e na explicação da natureza das emoções humanas. E a psicologia mecanicista, concentrada no estudo do sistema nervoso periférico, jamais atingiria a compreensão dessa diversidade.

Enfrentando tal desafio, Vigotski congrega influências de múltiplas origens: materialismo histórico, psicologia estrutural, Ribot, Stanislavski e Espinosa, definindo, no pleno sentido adquirido por tal idéia, que as emoções humanas são funções psíquicas superiores (culturizadas); a arte e a linguagem, os principais meios culturais que as constituem. Os estudos sobre as emoções são a última e mais difícil fronteira do seu monismo materialista, colocando o cérebro no corpo e o corpo na palavra. Eis um elemento central na sua ideia de “materialismo psicológico”, e a razão subjacente à afirmação radical do bielorrusso: a obra espinosana poderia ser referência para um modelo de natureza humana, para a própria formação de uma ideia de homem (Vigotski 28), sem se negar que a existência humana fosse determinada pelas condições concretas de inserção da personalidade ou pessoa em um meio social particular, articulado à generalidade do modo de produção.

Aí começam os apuros de Vigotski – ele precisará mostrar como as emoções/afetos podem se transformar ao longo da vida, junto do feixe de comportamentos herdados pela espécie, no processo de criação de novos sistemas psicológicos. Sem resolver esse problema, as emoções/afetos ficariam sem lugar próprio dentro de sua psicologia geral. Ora, em minha compreensão, suas reflexões dirigem-se a posicionar as emoções mais como função/sistema parcial do que sistema totalizante, papel reservado às noções de consciência, personalidade e pessoa – níveis que, se articulados dialeticamente, poderiam trazer para a análise do indivíduo fundamentos das psicologias geral e particular, sem o compromisso de uma identificação entre os diversos níveis.

A percepção das emoções como “sistema dentro de sistemas”, lugar que interpretei como sendo reservado às funções psíquicas superiores (Toassa 16), colocou Vigotski em apuros, pois uma das características centrais da sua teoria das funções psíquicas superiores era o domínio exercido pela pessoa sobre sua própria conduta. Se, para ele, era fato que as emoções constituíam-se na tensão biologia-cultura, similarmente a outras funções psíquicas humanas (atenção, memória, pensamento, etc), seu funcionamento não poderia identificar-se com elas, no aspecto “operacional”, por exemplo, na resolução de um problema matemático, filosófico, prático, por meio dos

quais analisam-se comportamentos do sujeito em seu meio social. Vigotski lidava, pois, com uma anomalia teórica no processo de constituição de sua psicologia geral.

As emoções eram compreendidas na psicologia como território do irracionalismo, da seleção natural, do somático; o território do que opera em nós, e não em que operamos. Desde o século XIX, a psicologia impregnava-se de referências às emoções como resto evolucionário, “apêndice cecal”, tanto menos evidentes quanto mais evoluídos os seres (!). As emoções eram as *troublemaker* do *zeitgeist* civilizador, bode expiatório da maioria dos problemas psicopatológicos da época. Vigotski (21) criticou essa percepção, frisando o caráter criativo das emoções, em busca da análise da sua diversidade cultural, sem as dicotomizar em culturalmente “baixas” ou “elevadas”.

Em defesa de uma compreensão da sua diversidade, Vigotski procurou, como é próprio de sua psicologia geral, integrar múltiplas ciências (psicológicas e não-psicológicas). Seu interesse pelas pesquisas de Cannon, que mostravam o papel de uma estrutura do sistema nervoso central (o chamado “tálamo óptico”) na vivência das emoções derrubou a ideia da teoria periférica das emoções: de que elas eram mera percepção das mudanças do corpo pela mente. Provava-se que sua topografia distribuía-se tanto no corpo como no encéfalo. Tornou-se possível, com essa distribuição, tratar do problema do domínio ou regulação das emoções/afetos pela consciência. Afirma o autor que “la cultura no crea nada, tan sólo utiliza lo que le da la naturaleza, lo modifica e pone a servicio del hombre” (26, p.132). Vigotski e seu círculo de pesquisadores empreenderam trabalhos experimentais, nos quais se investigava, por exemplo, a transformação da memória espontânea de certos estímulos primários em memória mediada por estímulos-meio (mediadores dispostos entre a criança e os estímulos que ela deve memorizar). Nesse contexto, aparece o verbo russo *ovladiét* (овладеть), que tem por tradução “apoderar-se de”, “dominar”, “assimilar” (como dominar uma técnica ou assimilar uma língua). E não poderia ser diferente: Vygotski (26) mostra reiteradamente como toda atividade voluntária depende de uma combinação de passividade e atividade que envolve meios culturais diversos, em uma aplicação do princípio de Bacon<sup>9</sup>:

“la naturaleza se vence obedeciéndola”. No en vano Bacon equipara la dominación de la naturaleza con la dominación del intelecto. La mano desnuda y la razón, dice Bacon, dejados a su aire, no valen gran cosa; las herramientas y los medios auxiliares son los fundamentos de la actividad humana (ídem, p.300).

É o experimentador quem ensina à criança como usar os estímulos-meio na evocação dos estímulos iniciais, mas é ela própria quem cria as relações entre eles. Ou seja, ao contrário do que prevê o senso comum, o sujeito não domina diretamente nem mesmo sua própria memória. E no verso dessa operação simbólica da memória, subjaz a face motivacional, afetiva do experimento, que caracteriza o encontro entre atividade e necessidade. Nas palavras de Vigotski: “os sistemas afetivos e a tensão aparecem no ponto de intersecção de alguma situação e alguma necessidade, isto é, só no encontro da criança com a realidade” (Vigotski 27, p. 264, trad. nossa).

As observações acima mostram como, no seu encontro com a realidade, o sujeito é tanto *agente* como *paciente*. Pino (12) afirma que a noção de funções psíquicas superiores rompe com a noção de faculdades da alma, mostrando como o que falamos e sentimos não é algo já pronto, mas sim produto das interações sociais. As ações e reações de cada membro de uma relação nas ações/relações produzidas no outro desencadeia o processo de desenvolvimento cultural. As bases culturais são também naturais, em uma maneira especificamente humana de “ser-natureza”, ou seja, uma natureza artificial, socialmente fabricada. Entusiasmado pelo trabalho de Bühler no que dizia respeito à transformação das atividades infantis, Vigotski (21) considera-o elucidativo para compreender o deslocamento das emoções no decorrer do desenvolvimento das tarefas vitais, transformando-se em seu papel fundador de regulação e orientação do pensamento e da ação.

As mudanças, mais do que quantitativas, são qualitativas: há vivências e signos que as definem; desenvolve-se o caráter abstrato, intelectualizado e generalizado das emoções humanas, seu valor social, além das convenções culturais para sua manifestação<sup>10</sup>. Isso ocorre no processo de formação de novos vínculos entre as emoções e outras funções psíquicas superiores – nível interfuncional, ao qual nos referimos anteriormente. Assim, Vigotski esboça uma tentativa – infelizmente preliminar, incompleta – de inserção das emoções no quadro de seu materialismo psicológico, sua *psicologia geral*, sendo muitas as psicologias particulares que deveriam subsidiar futuros estudos. Sem isso, não lhe seria possível o ambicionado desenho de um quadro único das múltiplas manifestações da vida emocional humana.

\*\*\*

Nesse quadro, parece-me ter ficado claro que a doutrina espinosana dos afetos ocupa espaço importante no projeto vigotskiano de psicologia geral. Vigotski elaborava elementos fundamentais para uma análise dramática da personalidade/pessoa, como objeto de sua psicologia concreta – sem excluir, conforme supomos, que essa “análise dramática” também retroagisse sobre sua psicologia geral. Nesse nível multideterminado, *unidade do diverso*, em que o desenvolvimento infantil demanda análise de culturas particulares, teríamos a fundação de uma análise dramática da pessoa; da gênese da pessoa a partir de um “drama” singular (ver Delari Júnior 4). Essa é a resposta de Vigotski (23) à “Psicologia Concreta do Homem”, de Politzer – a sua busca por implodir abstrações que, usadas para contemplar as urticárias da ciência, cerceavam seu contato com os sujeitos concretos; com o conflito profissional de Aliócha, a dependência química de Francildo na Cracolândia, a depressão de Joana pelos olhares adversos ao aspecto de seu corpo, a poliqueixa de Duvílio na rotina da Unidade Básica de Saúde. Como afirma o autor (23), importa não a doença, mas *que pessoa tem a doença*, ideia que nutrirá a ciência romântica de A.R. Luria e, posteriormente, a de Oliver Sacks.

Uma noção que busquei implantar na psicologia concreta de Vigotski a partir das contribuições espinosanas refere-se à análise estrutural e funcional das emoções (assumindo a impossibilidade de identificá-las a partir de elementos isolados, como expressões faciais e gestos corporais), focalizando-as como *complexos estruturais distintos*, e – tal qual mostram estudos antropológicos ao redor do mundo – generalizados em significações particulares. Trabalhando sobre o desejo do bielorrusso em constituir uma psicologia apta a romper com o dualismo, a noção auxilia na estruturação um método para a análise dramática da personalidade/pessoa. Permite-nos focar as emoções/afetos como fenômenos que não são puramente internos nem externos à personalidade/pessoa, comportando funções e manifestações nas mais diversas modalidades de semiótica. Vocabulário específico, entonação, gestualidade, mímica, ritmo, pontuação, descrição verbal, versificação e outros recursos escritos são alguns componentes desses complexos estruturais, que não são modelos fixos, mas sim (baseando-nos em Pino 12) totalidades abertas e socialmente inteligíveis que dependem das circunstâncias e da história de sua produção.

Esses elementos, com maior ou menor saliência, combinam-se em manifestações emocionais irreduzíveis às suas partes. Nesse sentido, um espinosano consideraria que o significado e a natureza de uma emoção é sempre singular – não há uma emoção

idêntica à outra, como não há duas pessoas idênticas. Essa perspectiva implica em que a mudança de qualquer elemento essencial de uma situação vivenciada (e especialmente do desejo, de seu objeto e da ideia de ambos), pode, dado o caráter dinâmico das emoções/afetos, significar a mudança do próprio complexo estrutural que reconhecemos como uma emoção. É um dos elementos que contém o valor metodológico da “doutrina espinosana dos afetos”.

O monismo espinosano integrado à psicologia concreta da personalidade/pessoa dá uma estocada fatal nas doutrinas que separam radicalmente mudanças, afecções, necessidades (como raiva, fome, frio ou sede) de outras, “elevadas”, como o amor ou a catarse estética, desprezando tanto os impactos mentais das primeiras quanto as implicações corporais das últimas. Os afetos, para Espinosa, expressam-se predominantemente no corpo ou na mente, mas essas dimensões nunca se isolam. Espinosa não traz uma “luta de classes” para o interior da psicologia, atribuindo necessidades corporais às classes dominadas e elevadas às dominantes. Pelo contrário, pode ser um valioso aliado para a superação do dualismo na psicologia histórico-cultural, resíduo judaico-cristão que precisa ser extirpado dela, apoiando, como queria Vigotski, o desenvolvimento de um materialismo psicológico que visasse à construção de um novo homem, em uma nova sociedade. Nela

a psicologia será, na verdade, a ciência do homem novo. Sem ela, a perspectiva do marxismo e da história da ciência seria incompleta. No entanto, essa ciência do homem novo será também psicologia. Para isso já hoje mantemos suas rédeas em nossas mãos. Não é preciso dizer que essa psicologia se parecerá tão pouco com a atual como, conforme palavras de Spinoza, a constelação do Cão se parece ao cachorro, animal ladrador (*Ética*, teorema 17, escólio<sup>1</sup>) (Vigotski 24, p.417).

### **VYGOTSKY: NOTES TOWARDS A GENERAL AND CONCRETE PSYCHOLOGY OF EMOTIONS/AFFECTIONS**

**Abstract:** This article assumes that the psychology project elaborated by L.S. Vygotsky is organized as a triadic structure, precisely speaking: as *general*, *particular* and *concrete* psychology, which express his commitment to the construction of a scientific psychology based on the dialectical materialism. I briefly outline current issues that disturb more detailed studies on Vygotsky’s oeuvre, as well as the manner by which Spinoza’s philosophy appears within it. Thereupon, it is explained how Vygotsky aimed at composing a single framework to the psychology of emotions/affections, inside which the *diversity of emotional life* (experiences, as well as behaviours) should be arranged. To Vygotsky, Spinoza’s philosophy would play an utmost important role on

---

<sup>1</sup> Vigotski não menciona, mas trata-se da *parte I* da *Ética*.

emotional regulation. I finish the article indicating some ideas based on Spinoza to an approach of emotions/affections towards a “concrete human psychology” of personality/person.

**Keywords:** Vygotsky, Spinoza, general psychology, concrete psychology, emotions.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEATÓN, G. A. *La persona en el enfoque histórico cultural*. São Paulo: Linear B, 2005.
2. CLEGG, J. W. The fragmented object: Building disciplinary coherence through a contextual unit of analysis. *Review of General Psychology*, n.17, vol.2, p.151-155, 2013.
3. DELARI JÚNIOR, A. Lista “completa” das obras de L.S. Vigotski segundo Lifanova 1996. Umuarama, 2010. Disponível em: [http://www.vigotski.net/obras\\_lsv.html#1915](http://www.vigotski.net/obras_lsv.html#1915). Acesso em fevereiro 24, 2014.
4. DELARI JÚNIOR, A. Sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. *Psicologia em Estudo*, vol.16, n.2, p.181-197, 2011.
5. FRASER, J.; YASNITSKY, A. Deconstructing Vygotsky’s Victimization Narrative. *Psychology*, n. 50, vol. 4, 31p (no prelo).
6. FREITAS, F. L. de C. Pressupostos espinosanos da crítica histórico-psicológica. *Revista Conatus: Filosofia de Spinoza*, vol.7, n. 13, p. 33-44, 2013.
7. JANTZEN, W. The Spinozist programme for psychology: An attempt to reconstruct Vygotsky’s methodology of psychological materialism in view of his theories of emotions. In ROBBINS, D.; STETSENKO, A. (Eds.) *Voices within Vygotsky’s non-classical psychology: Past, present, future*. New York: Nova Science, p.101-112, 2002.
8. KEILER, P. “Cultural-historical theory” and “Cultural-historical school”: from myth (back) to reality.” *PsyAnima, Dubna Psychological Journal* n. 5, vol.1, p.1-33, 2012.
9. KLINE, G. *Spinoza in Soviet Philosophy: A Series of Essays*. London: Routledge and Paul, 1952. 190p.
10. KREMENTSOV, N. *Stalinist science*. Princeton University Press, 1996. 371 p.
11. LUTZ, C. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
12. PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*, n. 21, vol. 71, p. 45-78, 2000.



13. RUDNEVA, E. I. Vygotsky's Pedological Distortions. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 38, n. 6, p. 75-94, 2000 (Trabalho original publicado em 1937).
14. SHUARE, M. *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscou: Editorial Progreso, 1990.
15. TOASSA, G. Conceito de liberdade em Vigotski. *Psicologia: ciência e profissão*, n. 24, vol. 3, p. 2-11, 2004.
16. TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski*. Campinas-SP: Papyrus, 2011. 288 p.
17. TOASSA, G. Vigotski contra James-Lange: crítica para uma teoria Histórico-cultural das emoções. *Psicologia USP*, n. 23, vol. 1, p. 91-110, 2012.
18. VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. *Vygotsky: Uma Síntese*. São Paulo: Loyola/Unimarco, 2001. 476 p.
19. VERESOV, N. Marxist and non-Marxist aspects of the cultural-historical psychology of L.S. Vygotsky. *Outlines. Critical Practice Studies*, vol.7, n. 1, p. 31-49, 2005.
20. VIGOTSKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a (Texto original de 1934).
21. VIGOTSKI, L.S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. 326 p. (Trabalhos originais de 1932).
22. VIGOTSKI, L.S. Izzapisok L. S. Vigotskogo [Das notas de L. S. Vigotski]. Disponível em: <http://vtk.interro.ru/book/23/304/1.htm> Acesso: 08 fev. 2010.
23. VIGOTSKI, L.S. Psicologia concreta do homem. *Educação e Sociedade*, n.21, vol.71, p.21-44, 2000 (Texto original de 1929).
24. VIGOTSKI, L.S. O significado histórico da crise na psicologia. In: *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes. 3 ed., 2004. pp. 203-417 (Texto original de 1927).
25. VYGODSKAIA, G. L.; LIFANOVA, T. M.. Lev Semenovich Vygotsky - Part 2: Through the Eyes of Others. *Journal of Russian and East European Psychology*, n. 37, vol. 3, p. 32-80, 1999.
26. VYGOTSKI, L.S. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras escogidas* (Vol. 3, pp.11-340). Madrid: Visor Distribuciones, 1995 (Texto original de 1931).

27. VYGOTSKI, L.S. El problema del retraso mental. In: *Obras escogidas* (Vol. 5, pp.249-274). Madrid: Visor Distribuciones, 1997 (Trabalho original publicado em 1935).
28. VYGOTSKY, L.S. The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In: *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6, pp.71-235). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 1999 (Texto original de 1933).
29. VYGOTSKY, L.S., & LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 (Trabalho original publicado em 1930).
30. WORTIS, J. (1953) *La psiquiatria soviética*. Buenos Aires: Ateneo.

## NOTAS

1. Caso da teoria da atividade de A.N. Leontiev; da psicologia crítica de K. Holzkamp; da psicologia da liberação de Martín-Baró, da psicologia da personalidade de Lucien Sève e da psicologia do desenvolvimento de Henri Wallon.
2. Versão completa deste documento em Wortis (1953). Tradução alternativa é “Sobre as perversões pedológicas no Comissariado de Esclarecimento”. A pedologia, hoje extinta, no início do século XX, trazia a proposta de uma ciência da criança, com uma prática associada, tendo sido muito popular na União Soviética até ser extinta pelo mencionado decreto do Comitê Central do Partido Comunista.
3. A tradução do título desta obra está equivocada: o correto seria “O sentido [smis] histórico da crise na psicologia”.
4. Com acréscimos que ampliam o universo de textos/cartas para, respectivamente, 282 e 73, conforme Delari Júnior 3.
5. Embora seu projeto de psicologia concentre-se no “Significado Histórico da Crise na Psicologia” e no “Teaching about emotions”, valorizo nesse texto também o “Psicologia Concreta do Homem” (Vigotski 23).
6. “Primeiro um meio de influência sobre outros, depois – sobre si. Neste sentido, todo o desenvolvimento cultural passa por três estágios: em si, para outros, para si.” E segue: “Em forma puramente lógica a essência do processo do desenvolvimento cultural consiste exatamente nisso. Marx: sobre a classe. A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade” (Vigotski 23, p.24).
7. O título original do manuscrito, cuja tradução no inglês é “Uchenie ob Emotsijakh. Istoriko-psikhologicheskoe Issledovanie” (Vigotski 28, p.297). No “Teaching about emotions”, Vigotski utiliza os termos “emoções” (*emotsii*) e “sentimentos” (*tchuvstvi*) e “afetos” (*affekti*) de forma indiferenciada. Mas utiliza, principalmente, “emoção”.
8. Entre aspas: Vigotski afirma, ao menos em três passagens do seu “Estudo sobre as emoções” (28), que Espinosa era um autor materialista, posição que emana de Plekhanov e Deborin e relacionava-se à grande popularidade de Espinosa na União Soviética entre 1917 e 1933. Sobre o assunto, ver Kline (9).
9. A esse trecho, segue-se uma citação de Marx e Engels sobre a liberdade como algo que não consiste em independência imaginária com respeito às leis da natureza, mas conhecimento delas e possibilidade de que atuem para determinados fins.
10. Neste sentido, vale lembrar o trabalho etnográfico de Lutz (11) que mostrou como os Ifaluk, povo micronésio, condenam a raiva e raramente a demonstram (de fato, há ali termos similares, mas não equivalentes ao termo *anger*), traçando paralelos com a valorização das manifestações de raiva nos Estados Unidos. Em grande medida, tal trabalho contribuiu para a desconstrução do sexismo presente em diversas teorias das emoções.